

## **DIDÁTICA E PSICOLOGIA: CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA DO PSICOLOGISMO NA EDUCAÇÃO (\*)**

**MARIA MERCEDES CAPELO ALVITE**

Mestre em Psicologia de Educação. Professor  
Assistente da U.F.C. (Departamento  
de Educação).

As experiências vivenciadas na escola como aluna e professora, levam-nos à convicção de que não se pode avaliar a prática educacional sem se levar em conta o contexto do sistema escolar geral que, por sua vez, só pode ser explicado dentro do contexto sócio-político-econômico em que está inserido. A educação só pode ser compreendida como atividade humana entranhada na totalidade de uma organização social.

O que se observa, contudo, é que, de um modo geral, nos cursos de Pedagogia, a avaliação da problemática educacional é feita apenas num enfoque pedagógico ou psico-pedagógico. Com isso, não se faz apenas análises parciais da realidade educacional, mas pseudo-análises, já que a educação só pode ser entendida no contexto das relações sociais que refletem o conflito de duas classes antagônicas: a classe dominante e a classe dominada.

Toda a prática educativa deve ser pensada em função de um contexto cultural mais amplo que propicie ao educador uma

---

(\*) Adaptação de resumo de tese apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em setembro de 1980.

visão de totalidade, que favoreça uma constante reavaliação do trabalho educativo, com vistas a uma melhoria da educação. Essa visão de totalidade, contudo, deve ser estendida para o contexto sócio-político-econômico do país.

Em linhas gerais, o que se observa é que o nosso sistema educacional tem como função básica a reprodução das relações de produção e, conseqüentemente, a reprodução da estrutura de classes.

A educação reproduz as relações de produção, quando assume por objeto primordial a formação de mão-de-obra e dirige suas atividades no sentido de levar os indivíduos a aceitarem passivamente sua condição de submissão. Não só forma forças produtivas como induz os indivíduos a aceitarem a atual divisão de classes como um fato justo, resultante das diferenças naturais entre os homens. É, assim, utilizada para a manutenção e reprodução das relações sociais existentes, cujo produto final se concretiza nos desequilíbrios sociais, onde a maior parte da população não tem possibilidade de acesso aos bens de produção.

Se se assume, contudo, que o sistema educacional em nossa sociedade capitalista funciona como um aparelho reprodutor das relações materiais e sociais de produção, de forma estática, está-se considerando a educação enquanto instituição, basicamente conservadora, dependente totalmente do sistema social que a mantém. Não é possível encarar assim de modo tão estático a educação, já que o controle buscado pelas classes dominantes sobre as instituições da sociedade civil não é total. Com isso, pretende-se enfatizar as possibilidades da ação educacional no processo de transformação da sociedade.

A relação sistema educacional-sistema social é dialética no sentido de que a um avanço neste deve corresponder um caminhar naquele, que, em última análise, também contribui para transformar as estruturas a partir da própria instituição escolar.

Dentro deste contexto, pretendemos analisar como se colocam a Didática e a Psicologia, de que forma elas se relacionam e contribuem para manter ou transformar a realidade social.



Em geral, a psicologia e a prática educativa são vistas e discutidas como algo à parte das instituições, da sociedade, da forma de governo vigente. Na realidade o que se verifica é que a utilização da psicologia, nas mais diferentes épocas e lugares, tem se dado no sentido de adaptar e integrar os indivíduos às estruturas vigentes da sociedade e das instituições. Em outras palavras, psicologia e pedagogia têm sido instrumentos de alienação.

Ao perceber isso, Japiassu afirma:

“... a psicologia não tem direito de reduzir-se a um conjunto de receitas e de práticas técnicas que a alienam e a impedem de possibilitar ao homem *falar* nas estruturas. Donde a necessidade, para ela, de uma abertura, se é que não pretende ser condenada a ver-se reduzida a uma mera técnica humana de adaptação ou convertida num instrumento de perícia.” (1)

A psicologia tem que dar conta do homem inserido no mundo, tem de se ocupar de realidades. O homem se constrói por sua presença no mundo. É um ser histórico que se faz, se transforma, transformando o mundo.

Ao se falar de psicologia, ao mesmo tempo está se falando de educação, pois elas são indissociáveis. Realmente, para educar-se o homem, é preciso, antes de mais nada, conhecer esse homem que se deve educar. Conhecer o homem, contudo, significa compreendê-lo como um ser de totalidade, um ser concreto, já que “... a educação é aplicada a indivíduos concretos, com uma natureza determinada pela história.” (2)

Portanto, para evitar o psicologismo na educação — a visão individualista e falsa que ainda domina na psicologia e que a faz uma pseudo-ciência que só leva à alienação — os psicólogos têm de assumi-la como ciência concreta, como uma ciência que se ocupa do cotidiano, da vida propriamente humana.

---

(1) JAPIASSU, Hilton — **A Psicologia dos Psicólogos**. Rio de Janeiro, Imago, 1979, p. 27.

(2) MERANII, Alberto — **Psicologia e Alienação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 87.

Na escola, o trabalho deve ser desenvolvido visando ampliar o poder do aluno de captação e compreensão do mundo em suas relações com ele, a possibilitar-lhe um conhecimento da realidade não como algo estático, mas em processo, em transformação. Nesse sentido, a didática visa trabalhar com seu objeto específico — o processo ensino-aprendizagem — dando conta da totalidade do sistema educativo e da sociedade.

Já que se encara a didática como uma disciplina que tenta dar conta do processo educativo, que é responsável basicamente pela formação do educador e que, como tal, não pode perder de vista a realidade social, é necessário que ela (a didática) se situe como um dentre outros instrumentos de conscientização. É necessário que ela seja encarada como uma das disciplinas da escola que faz a sua parte, no sentido de uma tomada de posição dos alunos frente aos problemas de nosso país.

Na medida em que as análises dos problemas educacionais ficam num nível psicológico ou psicopedagógico, se está impossibilitando uma visão de totalidade, uma percepção correta da realidade e, conseqüentemente, contribuindo para reproduzir a ideologia da classe dominante.

Acredita-se que a psicologia que predomina atualmente, segue, em larga escala, o esquema behaviorista de estímulo-resposta.

Na escola, a influência dessa abordagem, como não poderia deixar de ser, é também marcante. Observam-se professores trabalhando com “textos programados”, elaborando objetivos operacionais sem se darem conta, na maior parte dos casos, das bases teóricas e das implicações dos referidos elementos. O aluno é controlado através da organização de contingências de reforço. A programação adequada dessas contingências leva-o a responder de acordo com os objetivos do programador.

A aprendizagem é, assim, reduzida a um esquema de estímulo-resposta. O importante é a produção, o importante é a quantidade de acertos. Com isso, muitas questões ficam a des-



coberto. O próprio processo de aprendizagem é subestimado em função do produto, dos resultados.

É necessário contudo que se diga que o condutismo é apenas um dos enfoques marcadamente psicológicos que contribuem para a mistificação da realidade, já que os fatos reais são ocultados pelas explicações psicológicas.

O educador reduz as possibilidades de sua ação quando se atém a um enfoque psicológico, individualista, perdendo de vista a totalidade do processo educativo e sua relação com a sociedade. Necessário se faz que ele perceba os vínculos de seu trabalho com a realidade concreta, que considere as reais possibilidades da educação, que tenha uma idéia clara a respeito das causas dos problemas contemporâneos, percebendo-os historicamente e que situe à escola e a si mesmo, não como reprodutores da ideologia dominante, mas na linha de liberação dos oprimidos.

Portanto, o psicologismo que ainda domina na educação deve ser combatido, visto que ele impede que análises pertinentes sejam feitas em termos da prática docente, das possibilidades da educação frente ao processo de libertação dos indivíduos.